



EDUCADORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA: NEM TIAS, MÃES, OU *PROFESSORINHAS*, MAS ADULTOS DE REFERÊNCIA.

Marina Reidel¹

Resumo: O presente trabalho almeja expor a abordagem de uma professora transexual no trabalho docente focado na construção do respeito à diversidade. Com isso, apresenta a professora e sua constituição identitária, além de apontar em que medida professoras trans podem ser adultos de referência no contexto escolar. O protagonismo de uma professora trans é importante e válido, pois ajuda a legitimar as discussões sobre a diversidade sexual nas instituições de ensino.

Palavras-chave: Educação, diversidade, transexualidade.

Eu aprendi a ler e a escrever. Também foi nesta época e na escola que aprendi o que era a violência e agressão de gênero. Num mundo de sofrimento, aprendi que talvez a vida pudesse me ensinar, ainda que pequena, como a sociedade via e julgava aqueles que saiam da norma, da heteronormatividade. Cresci sabendo que o que acontecia comigo poderia acontecer com muitas pessoas e que só através do conhecimento, eu acreditava, poderia vencer e conquistar, tornando possível o impossível.

Na escola, aprendi muito o que é ser aluno, um aluno diferente, e aprendi muito, muito bem, o que são as regras da escola, e o preço que se paga por desobedecer estas regras, em especial quando são regras não escritas, como é o caso da maioria das regras de gênero e sexualidade. Em nenhum lugar se diz que aluno não deve ser delicado, em nenhum lugar está posto que aluna não pode jogar futebol, em nenhum lugar se diz que um aluno não pode gostar de roupas, adereços, bijuterias. Ao mesmo tempo, embora não estejam escritas, estas leis são muito duras e o meu aprendizado como aluno fez conhecer bem tal dureza. É claro que isso influenciou o ser professora, já que uma boa parte do que a

¹ Marina Reidel é mestranda na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora da Rede Estadual do Estado do Rio Grande do Sul. Contato: marina_euro_peia@hotmail.com

gente aprende como ser professora, aprende-se olhando a escola, a sala de aula e as demais professoras, quando somos alunos. Desta forma, ao virar professor – e depois professora – fui me tornando uma docente diferenciada, especialmente em relação ao trato com as questões de gênero e de sexualidade.

Hoje, minha história de vida circula em dois universos: o da Educação e o da Transexualidade. Foi assim. Aprendi na escola o que é ser professora e o que é ser Transexual. Dentro deste universo, minha transformação aconteceu num tempo onde as questões socioculturais eram possíveis, tanto na escola como na vida. Um tempo onde novas formas de viver surgiram. A conquista do meu espaço foi através do trabalho, da competência e da liberdade de expressão. Medos? Sim, muitos! Inclusive pelo fato de assumir publicamente uma condição de vida diferente da que vivi até então. Essa postura não deixa de ser um ato político e de coragem.

Foi movida pela coragem que, depois de muitos anos dentro da escola sendo professor, resolvi assumir minha transexualidade. Tudo aconteceu no meio do ano letivo, provocando uma bagunça e um alvoroço naquele espaço. Foi então que tudo começou...

Em 2007, ao retornar das férias, onde passei três meses viajando pela Europa, convivendo com amigas transexuais e travestis, marquei consulta com um cirurgião e comecei a “preparar o terreno” para a transformação. Nesta época, já havia aplicado silicone industrial no corpo, já estava tomando hormônios indicados pelas amigas e já tinha o cabelo comprido. Foi também quando criei coragem e furei a orelha para colocar um brinco. Não contente, furei as duas orelhas e coloquei um par de brincos de brilhante. Era um luxo! Como dizia minha amiga: “bicha fina, bicha luxo”.

Lembro como se fosse hoje, no dia 16 de maio, cheguei à escola com a novidade de que iria fazer a cirurgia de mamoplastia, cirurgia plástica no nariz, retocar a pele e os lábios. Quando conversei com a diretora da escola sobre a cirurgia, ela ficou chocada. Ficou em pânico, dizendo como seria a reação da comunidade escolar. Mesmo assim, deu apoio e disse que iria assumir junto comigo. Lembro que ela pediu cópia da Lei Estadual 11.872 que trata da discriminação e preconceito em âmbito geral no Estado do Rio Grande do Sul e a própria Constituição Federal, que, no artigo 5º, diz que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza; É inviolável a liberdade de consciência e de crença; São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas”.

Após xerocar todas as leis, tratou de espalhar cópias pela escola a fim de mobilizar e situar todos diante da novidade.

Assim, quando me afastei para fazer as intervenções, em junho do mesmo ano, a diretora solicitou que os professores conversassem com os alunos sobre o assunto, inclusive o professor de Ensino Religioso, que deveria trabalhar a temática da homofobia nas aulas.

Foi muito bom porque, ao retornar transformada, percebi que os alunos sabiam e me aguardavam com uma expectativa de como seria, então, a professora Marina. Também lembro que no dia do retorno à Escola, estava acontecendo o conselho de classe e eu adentrei a porta com o “peito na bandeja”, no salto e montada. Foi o primeiro choque no ambiente escolar, porque a curiosidade dos colegas também era grande em relação a minha apresentação pessoal.

Retornei, no salto, para uma nova experiência, montada e armada de todas as garantias de poder executar minhas tarefas sem problemas. Posso afirmar que nunca desci do salto, mesmo sabendo que poderia passar por diversas situações com pais, alunos e colegas. Mas não desisti! Assumi publicamente minha condição e nunca me arrependi do que fiz. Assim, muito mais segura, estava vivendo um momento muito importante e bem mais feliz de minha vida. Joguei tudo neste jogo da vida e apostei na felicidade, já que era uma vida reprimida, em um corpo que não era o meu e com muitas marcas de sofrimentos e lágrimas. Muitas vezes chorei sem que ninguém visse. Muitas vezes, não sabia o que fazer, até olhar para o espelho e perguntar por que era assim? Por que as pessoas me agrediam? Por que eu tinha de chorar ou pagar por um preço tão alto, se o que eu queria era apenas ser feliz?

Ao assumir este papel e esta personagem abandonei todo passado e arregacei as mangas. Fui a luta com um belo sorriso e um batom bem vermelho, marcando assim minha trajetória e minha vitória. Tinha certeza, no fundo, que iria dar certo.

Também foi neste retorno à Escola que fatos interessantes aconteceram. Os alunos ficaram muito mais curiosos em saber tudo sobre estes processos e por que eu havia decidido fazer isso. Qual seria minha motivação, já que antes nunca manifestara nada sobre minha orientação sexual, questionavam os alunos. Minha condição de professora transexual trouxe uma nova abordagem para escola. Também trouxe um novo aprendizado e uma abertura para as questões de sexualidade e formas de vivê-la. Os alunos ficaram mais próximos e todo tempo demonstraram interesses sobre tais questões. Senti-me à vontade em

falar sobre o assunto. Busquei então formas de aprendizagem que pudessem tornar as aulas, tanto de Arte, quanto de Ética e Cidadania, interessantes e prazerosas. Um novo olhar surgiu.

Minha história, mesmo que muito singular, tem características parecidas como outras professoras transexuais e travestis na educação brasileira. Para Tomaz Tadeu Silva (2000), a escola se constitui em um espaço onde o processo de confronto com as diferenças poderia ser explorado em suas possibilidades formativas. Ao se valer das potencialidades educativas das diferenciadas culturas, valores e representações pulverizadas no ambiente escolar, educadores e educadoras poderiam se lançar em ações pedagógicas que possibilitassem a reflexão crítica acerca das normas e valores sociais que tendem a doutrinar os comportamentos humanos.

AVANÇOS E CAMINHOS

Durante este percurso alguns avanços importantes tanto na educação, quanto no movimento trans foram conquistados. Na educação, em âmbito nacional, conquistamos alguns espaços no que diz respeito ao nome social de pessoas Travestis e Transexuais; no entanto, ainda buscamos diminuir os altos índices de abandono e evasão das meninas na escola por conta do preconceito e discriminação. Precisamos garantir o acesso e permanência nos bancos escolares, bem como, o respeito necessário às diferenças. Ainda devemos pensar com urgência uma maneira de vencer a demanda da falta de escolarização que afeta outras questões de ordem social, como, por exemplo, o trabalho formal.

No que diz respeito ao trabalho, quando a pessoa trans não consegue vencer a luta pela sobrevivência dentro da escola, acaba sem ter uma base para a busca do trabalho formal. É aí que ela encontra na prostituição sua fonte de renda. E o que se pode fazer? Trabalhar como? Se a escola expulsou a travesti, ela acaba buscando algum trabalho próprio ou fazer aquilo a que foi pré destinada – a prostituição.

Não quero, aqui, julgar as profissionais do sexo e nem a profissão em si. Quero ressaltar que, além de ser uma profissão histórica, temos exemplos positivos de boas profissionais, que, mesmo vivendo no sofrimento e na luta diária, fazem da prostituição um trabalho com dignidade. Se a escola tradicional não as ensinou, elas aprenderam o resto na escola da vida. Para travestis e transexuais a prostituição é uma fonte de trabalho, como qualquer outro, porém não há chefe, exceto elas mesmas, e é bem provável que seja uma

ocupação que garanta muito mais dinheiro do que alguns trabalhos formais. Além disso, a prostituição é a única esfera da sociedade onde as trans podem ser admiradas e reconhecidas. Também é nesse âmbito que muitas se sentem mais atraentes e desenvolvem a auto-estima, sabendo que são fonte de desejo para muitos homens.

Diferente disso, temos travestis e transexuais que vivem em outros contextos como é o caso das professoras trans que, ao contrário das profissionais do sexo, constituíram-se como profissionais na educação e que vivem nos espaços escolares apesar de todas as dificuldades que a profissão apresenta, inclusive o preconceito gerado pelos colegas professores e por direções de escola.

A partir de diálogos e encontros realizados com estas profissionais, 90% relatam que o maior entrave de subverter a ordem e entrar no espaço da escola, agora como profissional, é o preconceito dos colegas professores, ao contrário dos alunos, que não recriminam. Relatos vividos por estas professoras caracterizam o preconceito institucionalizado, onde a regra é a heteronormatividade: “O olhar de outros colegas professores, pois eu vi que era um olhar diferente ali; a direção, não, porque já me conhecia, mas os colegas professores, sim.”

Já as direções de escolas demonstram uma preocupação no que diz respeito a estes ditos “diferentes dentro da escola”, sendo, agora, profissionais e, além disso, a vigilância atua sobre estes corpos, já que serão formadores e adultos de referência. É interessante perceber o quanto estas identidades ficam marcadas pela sexualidade, em função de que a exposição dos corpos está presente e causa um atravessamento nas questões escolares e sexuais dos indivíduos. Também causa estranhamento, porque este novo elemento adentra em um espaço onde a diversidade está colocada, mas de uma forma muito organizada, onde todos são tratados igualmente, porque pouco se fala sobre isso, sobre a diversidade, e, sobretudo, a sexual. A escola, aqui, não discute estes temas da contemporaneidade, talvez por não ter de assumir seus papéis diante da sociedade.

Considerada essa submissão da escola e o papel ausente dos professores que negam trabalhar determinados assuntos que não sejam diretamente ligados a seus conteúdos, os temas da diversidade, da sexualidade e das identidades de gênero não são vividos e passam a ser irrelevantes no processo de aprendizagem, deixando as relações interpessoais muito a desejar no sentido social e humano. Por outro lado, quando temos professores – independentemente de suas identidades de gênero – interessados nestes processos de

humanização e conscientização de seu verdadeiro papel enquanto educadores, temos uma garantia de que nem tudo está perdido no contexto que diz respeito a homofobia nas escolas.

Também, com isso, não poderemos afirmar que professoras transexuais e travestis irão ser agentes neste processo, pois, muitas vezes, elas querem viver suas vidas independentemente do elemento identitário dentro da escola. Não é possível afirmar que estas pessoas serão aptas a estabelecer estas vivências e serem, ao mesmo tempo, ativistas de uma mobilização sem ter sensibilização diante do assunto e de sua relevância.

Em meus estudos sobre a problematização de professoras transexuais e travestis, seus papéis enquanto educadoras e suas histórias de vida, tenho observado aspectos que buscam a inserção das temáticas da sexualidade, diversidade e identidade de gênero em suas realidades como justificativas para suas presenças na escola. Afirmam que, ao entrarem nas escolas, trabalham as temáticas para poderem criar regras e respeitabilidade diante do grupo que está à frente e que, muitas vezes, não conseguem ficar de fora dos conflitos que surgem na escola pois são solicitadas a intervir junto às direções na resolução de conflitos, passando a serem adultos de referência.

Para Seffner (2012), quando as professoras transexuais e travestis vão para frente de uma turma de alunos, dois aspectos importantes ficam evidenciados: 1. que elas são professoras, com disciplinas e conteúdos específicos; e 2. que elas são adultos de referência. Independente do fato de ser professora de matemática, artes ou geografia, por exemplo, há alunos que gostam ou não gostam e que aproveitam para discutir as mais variadas questões. Também quanto mais estas professoras assumem e militam, fica claro que a professora em questão tem gênero e tem sexo e tem uma vida de relações normais e, por isso, mais se credenciam para serem adultos de referência. E para quem? Adultos de referência para alunos *gays* e *lésbicas*, mas para demais também, sem dúvida nenhuma. São adultos de referência para todos, porque, querendo ou não, fica uma identidade marcada pela sexualidade.

Um relato interessante dentro destes temas foi a visita ao Palácio Piratini, sede do Governo Estadual do Rio Grande do Sul, com um grupo de alunos de sétima série da Escola Estadual de Ensino Fundamental Rio de Janeiro (no município de Porto Alegre), em função da assinatura do decreto estadual da carteira social para travestis e transexuais. Foi um *auê!* Fomos caminhando da Escola até o Palácio. No caminho, havia muitas perguntas,

pois não tinha deixado bem claro o que faríamos lá. Ao chegar, fomos recebidos na recepção e logo fomos colocados sentados em cadeiras de veludo vermelho e com um belo *design*, coisa que a maior parte do alunado não vive normalmente em seus dias. Ganhamos um espaço de destaque por ser a única escola naquele evento. Durante o evento, muitos fotógrafos vinham registrar aquele momento, fato que dava sentido aos alunos por estarem lá. Os olhares corriam em direção as pessoas que estavam lá, entre outras, as travestis e transexuais que chegavam e vinham me cumprimentar. Cada menina que chegava próxima a nós parecia trazer consigo mais perguntas: “*Sora!* Ela é mulher ou é trans?”, perguntavam os meninos encantados com as belezas das transexuais e travestis que rondavam aquele espaço. Outro comentário do tipo feito pelos alunos foi “ela tem *gogó* então?”

A medida que o tempo foi passando, eles já estavam socializados com aquele espaço e com as pessoas que lá estavam. Durante o protocolo, foi anunciada a nossa presença e vibraram ao ouvir sua escola sendo chamada. Sentiram-se importantes por estarem ali, mesmo que não atuantes, estavam ali. Na saída, o Governador veio cumprimentar, o que foi para eles muito importante, já que é uma figura ilustre dentro da política estadual. Ele acariciou e agradeceu a presença dos alunos.

No outro dia, ao retornar a sala e conversar sobre a saída do grupo e a importância daquele ato para a população de trans que vive no dia a dia sendo humilhada pela questão do nome civil *versus* o nome social, um aluno questionou porque tínhamos ido lá, que ele não concordava com tudo isso, que homem era homem e mulher era mulher e se Deus havia feito assim, era para ser assim. Bem, neste momento os outros alunos começaram a criticá-lo e chamá-lo de homofóbico.

Parei a aula, e começamos um debate sobre o assunto. O menino estava irredutível quando uma menina questionou se ele tinha segurança sobre a sua sexualidade e se ele tinha certeza de que poderia mandar no seu coração e outra completou dizendo “se você tem o direito de amar uma menina *emo*², porque as pessoas não têm direito de amar outros tipos de pessoas (gênero), hein?” Bem, o final foi o silêncio do menino e a gritaria dos outros alunos quando eu interpelei dizendo que essas discussões eram importantes para nosso crescimento e nossa aprendizagem. Disse, ainda, que independentemente das

² *Emo* é uma abreviação de *emocore*. Particular estilo de rock pesado, mas com letras especialmente emotivas. Diz-se de uma pessoa jovem que é considerada excessivamente emocional, mesmo que não tenha relação com o gênero musical *emocore*. Usado ofensivamente por causa da notável reação negativa quanto aos indivíduos da definição, geralmente jovens que adotam a forma característica de vestir desse movimento (adaptado de <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Emocore>>)

orientações, a única coisa que queremos é o respeito e uma vida de dignidade como qualquer outra pessoa. Deu o sinal de término e todos foram saindo. O menino veio falar comigo e disse que iria pensar mais sobre o assunto.

Diante deste fato, pode se levantar várias questões acerca da temática. Uma delas, com certeza, é o fato de ser adulto de referência; e outra é essa reflexão que poderemos fazer em grupos dispostos a discutir as temáticas de sexualidade, gênero e identidades, mesmo com adolescentes, pensando em suas experiências e conflitos. É importante, nesse sentido, buscar exemplos e oportunizar um diálogo que, muitas vezes, não acontece na escola e, muito menos, nas famílias.

Para finalizar, trago uma fala de Ramirez (2011) que diz que a escola não pode ser um palco de mentiras, no qual não entre em cena uma parte importante da vida: a dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. É fundamental investir em uma revisão do currículo e das relações escolares privilegiando a igualdade entre os sexos e as expressões de gênero.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, M. Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.

_____. O que é Transexualidade? Editora Brasiliense. 2008. 181p.

BORRILLO, D. Homofobia. Barcelona: Bellaterra, 2001.

_____. Homofobia: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000/2010. 144p.

PELÚCIO, L. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de Aids. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SEFFNER, F. Identidades Culturais. In: Revista do professor, Rio Pardo/RS, v. 21, n. 83, p. 20-24, 2005. In: <www.viavale.com.br/cpoec>. Edição da Revista do Professor de julho/setembro de 2005.

SMIGAY, K. E. VON. (2002). Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. In: Psicologia em Revista, 8 (11), p. 32-46, 2002.

TORRES, M. A. A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1. 72p.

VENTURI, G; BOKANY, V. (org). Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.